

## SANTO TOMÁS DE AQUINO E A SAGRADA ESCRITURA\*

*Leo J. Elders, s.v.d. – Grootseminarie Rolduc.*

*Resumo:* O artigo é um estudo sobre a Sagrada Escritura na obra de Santo Tomás de Aquino, apontando a sua importância fundamental para a teologia tomasiana, além da problemática da exegese bíblica e seus pressupostos baseados na Tradição da Igreja.

*Palavras-chave:* Hermenêutica bíblica, Bíblia, Tomismo.

*Abstract:* The article is an study about the Holy Scripture on the work of Saint Thomas Aquinas, pointing out its fundamental importance to Thomas' theology, besides the problem of the biblical exegesis and its presuppositions based on Church Tradition.

*Keywords:* Biblical Hermeneutics, Bible, Thomism.

No tempo de Santo Tomás a principal tarefa de um mestre em teologia consistia em diariamente lecionar aulas sobre a Escritura. Os Comentários de Tomás a vários livros da Bíblia assim como de todas as Cartas de São Paulo são volumosos, alguns dos quais são de considerável tamanho. Entretanto, eles ainda não foram estudados bastante amplamente. No seu artigo “*San Tommaso*” para a *Enciclopedia Cattolica Italiana*, C. Fabro nem mesmo os menciona. M. Arias Reyero, que dedicou sua tese doutoral à análise dos trabalhos exegéticos de Tomás, considera esses comentários a menos original parte de sua obra<sup>1</sup>.

Essa falta de interesse ou apreço é de certo modo compreensível quando se tem em mente as dificuldades encontradas no estudo desses comentários. Ocasionalmente, a exegese de Tomás choca o leitor moderno pela ingenuidade de sua interpretação de certas palavras. A Filologia bíblica ainda estava em sua infância no tempo de Tomás<sup>2</sup> e a crítica literária quase não existia. Ele mesmo não conhecia nem o hebraico e nem o grego<sup>3</sup>. Mas há

---

\* Artigo publicado originalmente em <http://www2.nd.edu/Departments/Maritain/ti00/elders.htm>. Tradução do original em inglês por Daniel Nunes Pêcego.

<sup>1</sup> Cfr. REYERO, M. A. *Thomas von Aquin als Exeget*. Einsiedeln, 1971, p. 26.

<sup>2</sup> Exceto, talvez, na obra de São Jerônimo.

<sup>3</sup> Ao menos, não era suficientemente versado no grego para ser capaz de usar o texto grego da Bíblia. Ele tinha que se contentar com as explicações correntes (mas algumas vezes erradas) de certas palavras encontradas em diferentes *Glossae*, *Correctoria* e nos escritos de Crisóstomo, Jerônimo e autores medievais. Cfr. GARDEIL, A. “*Les procédés exégétiques de saint Thomas d'Aquin*”. In *Revue thomiste*, 1903, pp. 428-457.

uma segunda e maior dificuldade: a exegese contemporânea é predominantemente crítica e histórica, enquanto que se acha uma maneira teológica diversa de se explicar a Bíblia nas obras de Tomás. Como se verá, é certamente valioso considerar com grande minúcia o seu modo de explicar o Texto Sagrado.

Para o tipo de exegese teológica que era feita nas universidades medievais, o estudo filosófico do texto não era um pré-requisito absoluto. Todos concordavam que o texto aceito e usado pela Igreja oferecia certeza<sup>4</sup>. É somente na segunda metade do século treze e no século quatorze que a filologia começou a ser praticada mais seriamente<sup>5</sup> e alguns estudiosos se dedicaram ao estudo dos idiomas grego, hebraico e árabe.

#### CARACTERÍSTICAS DA EXEGESE DE SANTO TOMÁS.

Devemos mencionar primeiramente uma característica geral do método exegético do Aquinate. Devido a sua impressionante familiaridade com a Bíblia, Tomás era capaz de explicar certos textos referindo-se a um grande número de passagens paralelas. Ele está constantemente usando o princípio hermenêutico de acordo com o qual passagens obscuras devem ser explicitadas com o auxílio do que o autor escreve em outro lugar e com as suas ideias teológicas em geral. Também se encontra um esboço da teoria dos diferentes gêneros literários no prefácio ao *Comentário sobre o Livro de Jó*<sup>6</sup> e no prólogo ao *Comentário sobre os Salmos*. Neste último texto, Tomás faz a distinção entre narrações, exortações, preceitos e disputas. Ele também menciona súplicas e ação de graças. Encontra-se um exemplo revelador dessa distinção na passagem do *Comentário sobre o Livro de Jó*. Jó fala de três diferentes modos: primeiro, dando mostras de seus sentimentos inferiores, depois em apelando para deliberações de razão natural e finalmente de acordo com a inspiração divina, quando ele fala do ponto de vista de Deus<sup>7</sup>.

No seu discurso inaugural (*Principium*), de 1252, Tomás observa que em relação à Sagrada Escritura devemos fazer uma distinção entre autenticidade e canonicidade (i. e., o fato de um texto reconhecidamente pertencer aos Livros bíblicos pela Igreja). Isso significa que mesmo que não haja certeza de que um determinado autor, por exemplo, Jó ou Paulo, tenha escrito um texto

---

<sup>4</sup> Cfr. TOMÁS DE AQUINO. *Lectura super I ad Timotheum*, c. 3, l. 3, n. 128: “*Sed in ecclesia est firma cognitio et veritas*”.

<sup>5</sup> Alguns importantes iniciadores foram Roberto Grosseteste, Roger Bacon e Guilherme de la Mare.

<sup>6</sup> “Parece que este livro foi escrito como um poema. Essa é a razão pela qual, através de todo o texto, metáforas e expressões coloridas são usadas como os poetas fazem”.

<sup>7</sup> *Op. cit.*, c. 39 (pp. 212, 368-376): “*Job tripliciter in hoc libro invenitur fuisse locutus...*”.

particular, isso não impede que o texto faça parte das Sagradas Escrituras se assim ele é reconhecido pela Igreja<sup>8</sup>.

De acordo com Santo Tomás, cada passagem da Bíblia tem um sentido literal. Ele se dissocia de uma opinião, amplamente espalhada em seu tempo, que dava o lugar de honra ao sentido espiritual da Escritura. De acordo com o Aquinate, devemos sempre determinar primeiramente o sentido literal da passagem. Para dar um exemplo, o texto de *Isaiás* 35,4 (“Ele [Deus] vem para salvar-vos”) era comumente entendido como se referindo ao Messias, mas Tomás diz que em seu sentido literal a sentença se aplica ao tempo do profeta<sup>9</sup>. Do mesmo modo, ele considera o *Salmo* 2, frequentemente considerado como referente a Cristo, significando em primeiro lugar o Rei Davi<sup>10</sup>. O seu meticuloso cuidado em determinar o sentido literal do *Livro de Jó* é outro exemplo da sua resolução em compreender o que o autor queria dizer<sup>11</sup>. Entretanto, isso não significa que ele rejeite o sentido espiritual dos textos bíblicos.

Uma especial dificuldade pode resultar da aparente contradição entre o que o texto bíblico parece dizer e a posição das ciências em um ponto particular. Se o que os cientistas sustentam é absolutamente evidente, devemos concluir que não compreendemos esse texto bíblico corretamente. Quando há discrepâncias menores nos diversos modos pelos quais os evangelistas descrevem um evento, essas divergências, longe de tirar o crédito da verdade dos Evangelhos, são antes prova de que o que é dito é verdadeiro. Se a história tivesse sido inventada, as discrepâncias teriam sido extirpadas.

#### EXEGESE COMO TEOLOGIA E TEOLOGIA COMO EXEGESE.

A mais importante característica da exegese de Santo Tomás é a sua natureza teológica, doutrinal. Tomás está preocupado com os conteúdos dogmáticos do texto. Quando São Paulo está falando de pecado, redenção ou lei, ou quando ele escreve que “Jesus se fez homem” e que é “a Cabeça do corpo místico”, o Aquinate explica esses termos sempre no seu sentido formal, analisando o seu significado teológico, enquanto que atualmente estamos inclinados a ler uma passagem em seu contexto histórico<sup>12</sup>. Quando se está disposto a enfrentar o problema de se aproximar com essa exegese teológica, surgem intuições insuspeitas. Para o Aquinate, a teologia é o analisar

---

<sup>8</sup> Para este texto, cfr. MANDONNET. *Sancti Thomae Aquinatis opuscula omnia*, IV. Paris, 1927, pp. 481 ss.

<sup>9</sup> *Leonina* 28, p. 153, 35.

<sup>10</sup> Ver a edição de Parma das obras de Tomás, vol. 14, 153a.

<sup>11</sup> Cfr. SIEDL, S. H. “Thomas von Aquin und die moderne Exegese”. In *Zeitschrift für katholische Theologie*, n. 93 (1971), pp. 29-44.

<sup>12</sup> Cfr. Congar, Y. *Dictionnaire de théologie catholique*, vol. 15, 1, 408: “Ele interpreta a palavra *caput* não com um estudo exegético de seu emprego, mas com uma análise sistemática da ideia de cabeça em si.

e ordenar os conteúdos da Bíblia e tirar conclusões disso, enquanto exegese é teologia. Gilson pode escrever que a Teologia de Tomás é um comentário da Bíblia e que ele não propõe conclusões sem justificá-las pela Sagrada Escritura<sup>13</sup>. Nesse sentido, o Padre Torrell cita as palavras de Tomás: “Quando lidando com as realidades divinas o homem dificilmente deve se expressar de modo diferente do qual a Sagrada Escritura fala”<sup>14</sup>.

A Sagrada Escritura é muito mais do que uma fonte de dados: é o fundamento e a substância da Teologia. Ela forneceu ao Aquinate a divisão principal da sua *Summa Theologiae*: Deus, a proveniência das criaturas de Deus; o homem e as suas ações livres que o devem levar a seu destino último, a beatitude em Deus; Cristo, o caminho dos homens decaídos para Deus. As questões sobre a Trindade são subsequentes ao tratado que estuda a natureza divina, uma ordem que segue a história da Revelação no Antigo e no Novo Testamentos. Do mesmo modo, as páginas sobre a lei são inspiradas pela Bíblia e a Cristologia de Tomás segue a ordem dos eventos da vida de Jesus como descrita nos *Quatro Evangelhos*. A ressurreição de Jesus é vista como a Sua glorificação, assim como é adiantada pelo Evangelho segundo João.

Essa aproximação doutrinal repousa sobre o pressuposto de que Deus é o autor primário do texto sagrado, o qual, por essa razão, possui uma quase inalcançável profundidade. Mesmo as suas palavras singulares devem ser consideradas muito cuidadosamente. Uma explicação mais profunda da prevalência dessa exegese doutrinal é que no tempo de Santo Tomás a exegese da Bíblia constituía a principal disciplina na teologia: explicações sistemáticas da doutrina da fé e a refutação das heresias eram parte disso. Isso é muito claro na exegese daquelas passagens onde as Pessoas divinas e o mistério de Cristo são mencionados ou nos quais há uma questão sobre a graça de Deus, as virtudes infusas e os sacramentos.

Alguns exemplos ilustrarão este ponto: no *Livro de Jó* se diz que os anjos assistem ao trono de Deus. Isso significa, comenta o Aquinate, que eles veem a Deus e são vistos por Deus<sup>15</sup>. Nos capítulos 38 e 39 Deus intervém no debate se dirigindo Ele mesmo a Jó no meio da tempestade. Esse texto altamente poético cobre cerca de três páginas, mas o comentário de Tomás é cerca de vinte vezes maior e é um notável resumo do poder e da sabedoria de Deus como manifestados nas maravilhas da criação. Quando se diz que Deus fala do centro de uma tempestade isso pode significar que a voz de Deus está ressoando na tempestade como um trovão ou, metaforicamente, como uma inspiração íntima no meio da turbulência dos sentimentos de Jó e a escuridão de sua mente.

O comentário sobre primeiro capítulo do *Evangelho segundo João* é uma exposição de alta densidade dogmática, tal como os comentários sobre as

<sup>13</sup> Cfr. GILSON. É. *Les tribulations de Sophie*, Paris, 1967, p. 47.

<sup>14</sup> Cfr. TOMÁS DE AQUINO. *Contra errores graecorum*, I, 1.

<sup>15</sup> Cfr. TOMÁS DE AQUINO. *In Job*, c. 1, p. 8, 266.

*Cartas aos Romanos, aos Coríntios, aos Gálatas etc.* Amplas explicações doutrinárias serão encontradas no *Comentário sobre o Evangelho segundo Mateus, sobre o Sermão da Montanha, sobre o Pai-Nosso e sobre as parábolas sobre o Reino dos Céus.*

#### OS PRESSUPOSTOS DA EXEGESE DE TOMÁS.

*A inspiração do texto sagrado é o primeiro desses pressupostos.* O mistério de nossa salvação foi revelado aos profetas e aos apóstolos. Cristo é o principal mestre na fé<sup>16</sup>. Ele instruiu os apóstolos que, por sua vez, ensinaram a outros tanto por palavra pregada quanto por palavra escrita<sup>17</sup>. Uma vez que a sua mensagem estava também destinada às futuras gerações, eles a reduziram a escrito a fim de a preservar na sua pureza. O propósito do texto escrito é o de imprimir a mensagem na mente e no coração dos crentes<sup>18</sup>. Para garantir a verdade dessa mensagem, Deus moveu os autores da Sagrada Escritura a escrever e os assistiu ao fazerem isso.

Tomás distinguiu inspiração de revelação. Inspiração é um impulso dado ao autor humano que o faz escrever precisamente o que Deus quer que ele escreva. Para esse efeito, Deus move o intelecto e a vontade do autor<sup>19</sup>. Nesse sentido, o próprio Deus se torna o principal autor do texto, sendo o autor humano o seu instrumento<sup>20</sup>. Uma vez que Deus é o autor do texto, o que quer que ele contenha é necessariamente verdadeiro<sup>21</sup>. Entretanto, a teoria de inspiração de Tomás não é rígida: ele conta com o fato de que certos detalhes numa história podem não pertencer à mensagem que um autor pretendeu comunicar<sup>22</sup>. Eles são sem importância para ele. Aparentemente, as letras e palavras materiais de um texto e a inspiração divina nem sempre coincidem totalmente. O que o autor deseja comunicar constitui o sentido literal<sup>23</sup> e a inspiração divina leva seu sentido literal, no qual não pode haver nenhum erro. Todavia, quando um autor explicitamente deseja mencionar certos detalhes (como frequentemente acontece no *Evangelho segundo São João*), esses pertencerão ao sentido literal. Nesse caso, é impossível que haja falsidade neles. Até aqui a doutrina de Tomás sobre a inspiração divina da Sagrada Escritura.

<sup>16</sup> Cfr. TOMÁS DE AQUINO. *S.Th.* III, q. 7, a. 7.

<sup>17</sup> Cfr. TOMÁS DE AQUINO. *S.Th.* III, q. 42, a. 4: “*verbo et scripto docuerunt*”.

<sup>18</sup> Cfr. TOMÁS DE AQUINO. *S.Th.* III, q. 12, a. 4.

<sup>19</sup> Cfr. TOMÁS DE AQUINO. *S.Th.* I-II, q. 68, a. 1.

<sup>20</sup> Cfr. TOMÁS DE AQUINO. *Quodl.* VII, a. 14 ad 5. A expressão foi tomada de Leão XIII em sua encíclica *Providentissimus*.

<sup>21</sup> Cfr. TOMÁS DE AQUINO. *Quodl.* XII, a. 26 (q. 17, art. *unicus*). Cf. I, q. 1, a. 10: “*Sensui litterali sacrae Scripturae numquam potest subesse falsum*”.

<sup>22</sup> Cfr. TOMÁS DE AQUINO. *In Evangelium Ioannis*, c. 18, *lectio* 4 (n. 2326, sobre o episódio de Pedro negando conhecer Jesus): “... *cum non esset eorum principalis intentio ad hoc, sed ad commemorandum verba Petri...*”.

<sup>23</sup> Cfr. TOMÁS DE AQUINO. *S.Th.* I, q. 1, a. 5.

*Com relação ao papel da revelação divina*, ela dá ao autor humano o conhecimento e a compreensão da mensagem de salvação que ele deve anunciar. Quando a mensagem diz respeito diretamente à salvação sobrenatural ela resulta de uma revelação<sup>24</sup> dada como comunicação de uma certa doutrina<sup>25</sup>. Algumas vezes, o sentido literal de uma passagem da Escritura (ainda que inspirada) não é o produto de uma revelação. Esse é o caso quando um texto descreve coisas que o autor aprendera por sua própria observação ou testemunho e que comunica fatos históricos. Isso ocorre também quando um texto contém intuições de sabedoria humana. Nesses casos, somente o sentido espiritual será o objeto de uma revelação, mas essa revelação pode ter lugar depois da redação do texto, por exemplo, na comunidade de Israel que refletiu sobre textos particulares do Antigo Testamento ou na Igreja do período apostólico que aceitou e interpretou o Antigo Testamento<sup>26</sup>.

*Um segundo pressuposto da exegese de Tomás é que a Bíblia é o livro da Igreja.* A Bíblia deve ser lida e explicada *in medio Ecclesiae* (em comunhão com a Igreja). A Bíblia contém a substância da revelação divina<sup>27</sup> e nela nada pode ser acrescentado ou omitido<sup>28</sup>. Nesse sentido, a Sagrada Escritura é o fundamento e a regra da fé<sup>29</sup>. Nela se pode encontrar quase toda a doutrina teológica<sup>30</sup>. Mas é o livro da Igreja e é lida na Igreja. Nesse ponto, Tomás segue a tradição dos Padres e dos primeiros teólogos. São Gregório Magno observa que o pão das Escrituras deve ser mastigado pelos dentes da Tradição. Santo Agostinho relembra a seus leitores que a Bíblia deve ser lida *in fide catholica*<sup>31</sup>. Sem a fé da Igreja e fora da Igreja não há verdadeira interpretação do texto sagrado<sup>32</sup>. Um exemplo: em *Jó* 4,18 se diz que Deus encontrou depravação entre os anjos. Tomás explica que *de acordo com a fé católica*, os anjos foram criados naturalmente bons, mas que alguns deles, por sua própria culpa, perderam o estado de retidão<sup>33</sup>.

Nesse sentido, Tomás relembra que alguns ensinamentos foram transmitidos oralmente pelos apóstolos, em particular com relação aos

---

<sup>24</sup> Cfr. TOMÁS DE AQUINO. *S.Th.* II-II, q. 171, a. 1 *ad* 4.

<sup>25</sup> Cfr. TOMÁS DE AQUINO. *S.Th.* II-II, q. 171, a. 6 : “... *per modum cuiusdam doctrinae*”.

<sup>26</sup> Cfr. TOMÁS DE AQUINO. *S.Th.* I-II, q. 104, a. 2 onde Tomás escreve que os preceitos judiciais do Antigo Testamento adquiriram o seu sentido espiritual *ex consequenti*, uma vez que eles não foram instituídos para prefigurar algo, mas para regular a vida do povo.

<sup>27</sup> Cfr. TOMÁS DE AQUINO. *S.Th.* I, q. 1, a. 2 *ad* 2.

<sup>28</sup> Cfr. TOMÁS DE AQUINO. *In Evang. Ioannis*, c. 21, l. 6.

<sup>29</sup> Cfr. TOMÁS DE AQUINO. *S.Th.* III, q. 55, a. 5; II-II, q. 5, a. 3.

<sup>30</sup> Cfr. TOMÁS DE AQUINO. *In Epistulas beati Pauli, Proemium*.

<sup>31</sup> Cfr. AGOSTINHO. *De Genesi ad litt.*, XII, .37, 70.

<sup>32</sup> Cfr. LUBAC, H. DE. *Exégèse médiévale*. Les quatre sens de l'Écriture. I, 1, Paris, 1959, pp.56 ss.

<sup>33</sup> Cfr. TOMÁS DE AQUINO. *In Job*, c. 4.

sacramentos<sup>34</sup>. Os apóstolos trouxeram juntos o essencial da mensagem de salvação no *Credo dos Apóstolos*. Esse Credo e os outros símbolos não acrescentam nada às Escrituras, mas as confirmam e expressam o que está nelas contido<sup>35</sup>. Por causa dessa unidade entre a Bíblia e a doutrina da Igreja, afirma Tomás, a última é também a regra da fé<sup>36</sup>. A doutrina da Igreja se origina da Verdade Primeira, Deus, como foi expressa na Sagrada Escritura. Por isso, devemos aceitar as Escrituras de acordo com a doutrina da Igreja, que tem o correto entendimento<sup>37</sup>. A importância disso é óbvia na doutrina da Trindade, Cristologia e na Teologia dos sacramentos. Os Credos e a doutrina da Igreja nos auxiliam a entender corretamente o texto sagrado e são o critério segundo o qual devemos ler os às vezes difíceis e não muito claros textos bíblicos.

Os Padres da Igreja ajudam a compreender a Sagrada Escritura, porque têm uma intrínseca relação com o texto sagrado<sup>38</sup>. Os textos bíblicos e os comentários dos Padres foram escritos sob a ação do mesmo Espírito Santo<sup>39</sup>. Há uma comunhão de pensamento entre Sagrada Escritura e os Padres que representam a autoridade dos apóstolos<sup>40</sup>. A fim de se beneficiar dos tesouros guardados na Bíblia precisamos das explicações propostas pelos Padres, mesmo que nem tudo o que eles dizem tenha o mesmo valor e que eles possam estar enganados em coisas que não pertencem à fé<sup>41</sup>. Tomás insiste em que um teólogo deva se ocupar assiduamente com as obras dos grandes doutores do passado e não negligenciar o que eles escreveram<sup>42</sup>.

*Um terceiro pressuposto da exegese do Aquinate é o princípio da unidade das Escrituras* na medida em que todas as Escrituras falam de Cristo<sup>43</sup>. No seu prefácio ao *Comentário sobre os Salmos*, Tomás escreve que os salmos se referem a Cristo e à Igreja, eles contêm a Escritura em sua inteireza, de acordo com

---

<sup>34</sup> Cfr. TOMÁS DE AQUINO. *S.Th.* III, q. 25, a. 3 *ad* 4; 64, a. 2 *ad* 1: “Apesar de nem todas essas coisas terem sido transmitidas pelas Escrituras, a Igreja as possui de uma comunicação pelos apóstolos na sua conversação cotidiana”.

<sup>35</sup> Cfr. TOMÁS DE AQUINO. *S.Th.* II-II, q. 1, a. 9 *ad* 2.

<sup>36</sup> Cfr. TOMÁS DE AQUINO. *S.Th.* II-II, q. 5, a. 3.

<sup>37</sup> Cfr. TOMÁS DE AQUINO. *S.Th.* II-II, q. 5, a. 3 *ad* 2: “*Omnibus articulis fidei inhaeret fides propter unum medium, scilicet propter veritatem primam propositam nobis in Scripturis secundum doctrinam Ecclesiae intelligentis sane*”. Como E. Persson observa, de acordo com Santo Tomás, a doutrina da Igreja deve ser vista como sendo essencialmente a explicação da Sagrada Escritura. Cfr. PERSSON, E. *Doctrina sacra. Reason and Revelation in Aquinas*. Oxford, 1970, p.70.

<sup>38</sup> Cfr. TOMÁS DE AQUINO. *S. Th.* I, q. 1, a. 8.

<sup>39</sup> Cfr. TOMÁS DE AQUINO. *Quodl.* XII, a. 26 (q. 17, *art. unic.*): “*Dicendum quod ab eodem Spiritu Scripturae sunt expositae et editae*”.

<sup>40</sup> Cfr. GEENEN, J. G. “*Le fonti patristiche come ‘autorità’ nella teologia di S. Tommaso*”. In *Sacra Doctrina* 77, pp. 07-67, p. 18.

<sup>41</sup> Cfr. TOMÁS DE AQUINO. *Quodl.* XII, a. 26, *ad* 1.

<sup>42</sup> Cfr. TOMÁS DE AQUINO. *S. Th.* II-II, q. 49, a. 3 *ad* 2.

<sup>43</sup> Cfr. o Proêmio aos *Comentários às Cartas de São Paulo* e aos *Salmos*.

*Deuteronomio* 4,6: “Isto vos tornará sábios e inteligentes aos olhos dos povos”. O que quer que os patriarcas tenham passado tem relação com Cristo<sup>44</sup>. Quando São João escreve que Jesus foi à festa dos Tabernáculos em segredo, ele indica que Cristo estava escondido sob as figuras do Antigo Testamento<sup>45</sup>. O Antigo Testamento é ordenado ao Novo e não o oposto. As palavras “que a Escritura pode ser completada” não devem ser entendidas como uma oração final, mas como uma oração consecutiva. O Novo Testamento não foi escrito com vistas ao Antigo, mas este é ordenado para o Novo<sup>46</sup>. Essa unidade da Bíblia se aplica também a cada livro em particular. Para dar um exemplo, as palavras de Jó: “Eu sei que o meu Redentor está vivo” (*Jó* 19,23) joga luz sobre toda a discussão através do texto.

#### O MÉTODO EXEGÉTICO DE SANTO TOMÁS.

1) Mencionamos em primeiro lugar o procedimento de divisão do texto, como era usual no ensino da Teologia e Filosofia na Universidade de Paris no tempo do Aquinate. O método de repetidas divisões e subdivisão do texto de um livro, capítulo ou passagem era usado também no estudo dos escritos de Aristóteles. Para dar um exemplo, no começo do *Comentário sobre a Carta aos Romanos* é proposta a seguinte divisão: Os cumprimentos de Paulo estão isolados do resto de toda a carta. Então, esse “resto” é dividido. Primeiramente, Paulo mostra seu amor por seus leitores a fim de ganhar a sua atenção e simpatia, para falar em seguida sobre a graça de Cristo. Essa parte, - a maior da carta -, é subdividida em uma seção doutrinal e uma mais prática<sup>47</sup>.

As divisões principais são acompanhadas por numerosas subdivisões que, pelo seu elevado número, facilmente incomodam um leitor moderno<sup>48</sup>. Não obstante, elas apresentam vantagens desconsideráveis. Elas obrigam o leitor a descobrir a coerência de um texto e o linha de pensamento do autor. Há sempre mais ordem em um texto do que se poderia ter pensado inicialmente! Ainda mais, essa divisão nos obriga a nos concentrarmos nos conteúdos doutrinários de um texto em sua completude e são um auxílio para a nossa memória. Pode-se acrescentar que procurar por ordem em um texto é também um desafio ao intelecto.

2) Depois de um texto ter sido dividido e subdividido, o seu significado é explicado com a ajuda de passagens paralelas. Aqui o princípio aplicado é

---

<sup>44</sup> Cfr. TOMÁS DE AQUINO. *In Evang. Ioannis*, n. 560.

<sup>45</sup> *Ibidem*, n. 860.

<sup>46</sup> *Ibidem*, n. 2447.

<sup>47</sup> *Ibidem*, n. 97: “*Primo ostendit virtutem evangelicae gratiae*”; n. 953: “*Exhortatur ad executionem operum huius gratiae*”.

<sup>48</sup> Cfr. SPICQ, C. “*Thomas d'Aquin*”. In *Dict. de théol. cath.* XI, 716.

“Escritura é o intérprete da Escritura”<sup>49</sup>. Esse recurso a outros textos bíblicos “é o método dos exegetas medievais que conheciam de cor várias longas passagens. O seu vocabulário, o seu estilo e as imagens que eles usam são tomados muito naturalmente de empréstimo da Bíblia; o vocabulário e o imaginário da Bíblia fazem parte do seu pensamento”<sup>50</sup>. Em seus comentários, Tomás usa as principais interpretações aventadas pelos cristãos antes de seu tempo. Usualmente, ele indica quais delas merecem a nossa preferência. Ele assim o faz por meios de expressões tais como “a segunda interpretação é melhor”. Primeiramente ele aponta o sentido literal de uma passagem para mencionar em seguida o(s) seu(s) sentido(s) espiritual(ais)<sup>51</sup>. Algumas vezes, Tomás acrescenta longas explanações dogmáticas ao seu comentário a textos particulares.

3) Além de dividir o texto de um livro da Sagrada Escritura, Tomás também aproxima o seu conteúdo de um pensamento central e procura indicar uma característica geral. Nesse sentido ele escreve que Mateus está preocupado principalmente com a humanidade de Cristo, Lucas com a sua dignidade sacerdotal<sup>52</sup>. O Livro de Jó é inteiramente dirigido a mostrar que a vida humana é conduzida pela Providência divina. No começo de seus comentários às Escrituras, redigidos depois de 1258, Tomás sempre faz uma citação da Bíblia que indica o principal assunto daquele livro em particular. Alguns exemplos: os *Salmos* são caracterizados por um texto de *Eclesiástico* 47,8: “Em todas as suas obras ele rendeu homenagem ao Santo Altíssimo com palavras de glória”. Tomás observa que Davi canta a glória de Cristo e se expressa em cantos de louvor e súplica. O conteúdo e propósito da Carta aos Romanos são muito bem indicados pela citação de *Atos* 9,15: “Vai, porque este homem é para Mim um vaso de eleição para levar Meu nome diante das nações pagãs, dos reis, e dos filhos de Israel”. De fato, acrescenta o Aquinate, Paulo é um vaso cheio de conhecimento de Cristo; tudo o que ele escreve se refere a Cristo. A *Primeira Carta aos Coríntios* é caracterizada por uma sentença de *Sabedoria* 6,22: “Não vos esconderei os mistérios” (em latim, *sacramenta Dei*), uma óbvia referência ao ensinamento de Paulo sobre a Eucaristia em *1 Cor* 11. A *Carta aos Gálatas* é introduzida por uma muito apropriada citação de *Levítico* 26,10: “tereis ainda de jogar fora a antiga [colheita], para dar lugar à nova”. Um texto de *Eclesiástico* 33,31, “Tens um só escravo? Que ele seja como tu mesmo”, caracteriza o conteúdo da *Carta a Filêmon*. Assim como para o *Comentário sobre o Evangelho segundo São João*, cita *Isaiás* 6,1: “vi o Senhor sentado sobre um trono alto e elevado. A cauda da sua veste enchia o santuário”. Das

---

<sup>49</sup> Sobre a frequência de citações escriturísticas nos comentários bíblicos de Tomás pode-se consultar VALKENBERG, W. G. M. B. *Did not our Heart Burn! Place and Function of Holy Scripture in the Theology of Aquinas*. Utrecht, 1990, p. 259 ss.

<sup>50</sup> Cfr. SPICQ, C. *Esquisse d'une histoire de l'exégèse médiévale*. Paris, 1944, p. 223.

<sup>51</sup> “*Exponitur autem et mystice*”; Cfr. SPICQ, C. *OP. c.*, p.224.

<sup>52</sup> Cfr. TOMÁS DE AQUINO. *In evang. Matth.*, c. 1, n. 27.

alturas de sua contemplação dos mistérios divinos, João descreve como a divindade de Cristo preenche a sua natureza humana, cuja graça flui para o homem.

De acordo com o modo pelo qual a Sagrada Escritura se expressa, se diz que algo ocorrerá quando as pessoas vem a conhecê-lo<sup>53</sup>. Tomás utiliza expressões como *secundum morem Scripturae*, *Scriptura communiter appellat*, *secundum consuetudinem Scripturae*<sup>54</sup>. A Sagrada Escritura usualmente descreve realidades espirituais com imagens de coisas corpóreas<sup>55</sup>. De modo semelhante, textos bíblicos afirmam que os dias são bons ou ruins de acordo com o que as boas pessoas fazem ou experimentam e o mal que elas cometem ou sofrem nesses dias<sup>56</sup>.

5) Outro aspecto do método exegético do Aquinate é que formas particulares de comportamento ou eventos são explicados pelos sentidos de um princípio geral. Quando Jó, apesar das catástrofes que se abatem sobre ele, continua a colocar a sua confiança na Providência divina, Satanás sugere que ele o faz por interesse pessoal. Tomás observa que quando pessoas malévolas não encontram nenhuma falta no comportamento dos cristãos com que possam culpá-los, usualmente levantam suspeitas sobre suas intenções<sup>57</sup>.

6) Uma particularidade a mais do método exegético de Tomás é o uso de certas sentenças do texto como uma base e ponto de partida para desenvolvimentos doutrinários consideráveis. Pode-se perceber essa prática no *Comentário sobre o Evangelho segundo São João*, mas também em outros lugares, como no *Comentário sobre a Carta aos Gálatas*, c. 4, l. 2, no qual ele desenvolve a Teologia contida nas palavras de Paulo *factus ex muliere*. Muito notável é o desenvolvimento doutrinário da sentença de *Isaías* 38,28: “Não é Deus o pai da chuva?”.

## O SENTIDO DO TEXTO.

Para Santo Tomás, assim como para todos os teólogos medievais, a Sagrada Escritura é o critério da fé e o alimento de nossa vida espiritual. Como São Gregório Magno escreve, é o alimento que o povo comerá no final dos tempos na casa de Jó<sup>58</sup>. A sua profundidade é tal que fornece material para uma infindável meditação, porque é cheia de sabedoria divina. Nesse contexto, São Jerônimo fala de uma imensa floresta de sentidos<sup>59</sup>. De acordo

<sup>53</sup> Cfr. TOMÁS DE AQUINO. *In Rom.*, c. 1, *lectio* 3.

<sup>54</sup> Como exemplos, cfr. *Comp. theol.* I, 236, *Contra gentiles* IV, 4, *In Job*, c. 3, p. 20, 72, *In evang. Ioan.*, c. 2, l. 2, *In Hebr.*, c. 11, l. 8, *Q. d. de malo* 4, 8 *ad* 1, *In Job*, c. 1, p. 8, 290.

<sup>55</sup> Cfr. TOMÁS DE AQUINO. *In Job*, c. 1, p. 7, 233.

<sup>56</sup> Cfr. TOMÁS DE AQUINO. *In Job*, c. 3, p. 20, 72.

<sup>57</sup> Cfr. TOMÁS DE AQUINO. *In Job*, c. 1, p. 10, 480.

<sup>58</sup> Cfr. GREGÓRIO MAGNO. *Moralia* 36, c. 26.

<sup>59</sup> Cfr. JERÔNIMO. *Epist.* 64, c. 21: “...*infinita sensuum silva*”

com São Gregório extenuantes esforços são necessários para descobrir seus tesouros, uma tarefa comparável a faina do pescador no alto-mar<sup>60</sup>.

Em um *Sermão para o Vigésimo Domingo do Tempo Comum*, Tomás escreve que a Sagrada Escritura goza do privilégio de atender a todas as pessoas. Apesar de ser um livro apenas, ela se adapta a todos e os ensina qualquer coisa que eles precisem de acordo com o seu particular estado de vida. A explicação é que Deus é o assunto da Escritura, uma vez que Ele é ao mesmo tempo a sua causa eficiente, exemplar, formal e final<sup>61</sup>.

Enquanto se estuda a Bíblia deve-se procurar descobrir o sentido que o autor de um texto pretendeu expressar, ou seja, o seu sentido literal<sup>62</sup>. Tomás chama isso de *intentio auctoris* ou *intentio libri*. No começo de seu *Comentário ao Livro de Jó*, ele escreve que há pouca diferença para a “intenção” do livro se Jó é uma pessoa histórica ou não. Antes de Tomás, Hugo de São Vítor observou que o sentido literal de uma passagem não consiste nas palavras como tais, mas no sentido que elas têm. O sentido literal pode ser expresso também por metáforas<sup>63</sup>.

Isso não implica em que as palavras singulares de uma passagem possam ser negligenciadas. Os seguintes exemplos ilustram a posição de Tomás. Com relação à questão acerca de se Jó é uma pessoa histórica, Tomás dá muita importância a *Ezequiel* 14,14: “Ainda que estejam ali estes três homens, a saber, Noé, Daniel e Jó, eles, em virtude de sua justiça, salvarão as suas almas”. Para Tomás, Noé e Daniel são pessoas históricas e, portanto, Jó também deve ser. Outro exemplo da atenção que Tomás presta às palavras singulares são os seus comentários a *Mateus* 22,32, onde Jesus cita *Êxodo* 3,6: “Eu sou o Deus de teus pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó”, e afirma que Deus é o Deus dos vivos. Nesse texto, Tomás vê um argumento a favor da ressurreição, porque as almas dos patriarcas, enquanto não estão reunidas a seus corpos, não são pessoas vivas<sup>64</sup>. Spicq observa que entre todos os exegetas medievais Tomás está mais disposto em determinar o significado das palavras de uma passagem e suas explicações são notáveis pela acuidade<sup>65</sup>.

---

<sup>60</sup> Cfr. GREGÓRIO MAGNO. *Comentário a 1 Reis*: PL 79, 19AC.

<sup>61</sup> Cfr. *Opera omnia*. Edit. P. Ficcadori, Nova Iorque, 1950, 24, 225. Cfr. também *Q. d. de potentia*, q. 4, a. 1: “Hoc enim ad dignitatem divinæ Scripturæ pertinet, ut sub una littera multos sensus contineat, ut sic et diversis intellectibus hominum conveniat, ut unusquisque miretur se in divina Scriptura posse invenire veritatem quam mente conceperit”.

<sup>62</sup> Cfr. TOMÁS DE AQUINO. *In Job*, c. 1, p. 7, 232: “... quia sensus litteralis est qui primo per verba intenditur sive proprie dicta sive figurate”.

<sup>63</sup> Cfr. SMALLEY, B. *The Study of the Bible in the Middle Ages*. Oxford, 1952, p.101: “Vivendo um século antes de Tomás, Hugo parece ter compreendido o princípio tomista de que a chave para a profecia e a metáfora é a intenção do autor: o sentido literal inclui tudo que o autor sagrado pretendeu dizer”.

<sup>64</sup> Cfr. TOMÁS DE AQUINO. *In IV Sent.*, d. 43, a.1, q. l. 1 ad 2.

<sup>65</sup> *O. c.*, p.253.

Como foi dito antes, o sentido que um autor quis comunicar nem sempre coincide com os termos materiais de uma passagem. Assim, o significado preciso do dito de Jesus: “Quando alguém te bater na face direita, oferece também a esquerda” deve ser entendido olhando para o próprio comportamento de Jesus. Quando um soldado O esbofeteou durante o interrogatório do Sumo Sacerdote, ele não ofereceu a outra face ao homem. Portanto, o significado do texto aparentemente é que “nós devemos estar dispostos a suportar essas coisas ou ainda piores”<sup>66</sup>. Um segundo exemplo é a interpretação dos “dias” durante os quais Deus criou o mundo. Tomás escreve que aqui não se trata do dia de vinte e quatro horas. O texto apenas indica as várias espécies de coisas criadas por Deus<sup>67</sup>.

Alguns exegetas medievais se sentem um tanto embaraçados com relação ao sentido literal de textos aparentemente triviais tais como *Êxodo* 23,19 (“Não cozerás o cabrito no leite de sua mãe”). O Aquinate observa que o texto deve ter um sentido literal que tem a sua justificação. A razão dos preceitos cerimoniais do Antigo Testamento é, por um lado, o culto religioso daquele tempo e, por outro lado, a prefiguração de Cristo<sup>68</sup>. Entretanto, Tomás entende que, com vistas a explicar ou justificar muitas destes regulamentos, eles não devem ser vistos individualmente, mas tomados em conjunto, porque ao contrário daqueles verdadeiramente emitidos, outras regras poderiam ter sido possíveis. Individualmente considerados eles tem um sentido espiritual<sup>69</sup>.

O fato de que Santo Tomás enfatize tão fortemente o sentido literal do texto ajudou a fazer dos preceitos cerimoniais do Antigo Testamento objeto de estudo científico. Ele tomou um pensamento expresso pelos Padres da Igreja, qual seja, que o Antigo Testamento fornece a história da gradual educação religiosa da Humanidade<sup>70</sup>. No começo de seu *Comentário sobre o Livro de Jó*, Santo Tomás indica as razões pelas quais ele pretende comentar o sentido literal desse texto, que muitos de seus contemporâneos negligenciavam porque consideraram os temas do livro, mais propriamente, como imperfeitos. Tomás observa que isso não é razão para se desdenhar do texto. Enquanto seres humanos descobrimos a verdade somente gradualmente.

---

<sup>66</sup> Cfr. TOMÁS DE AQUINO. *In Evang. Ioannis*, c. 18, l. 4, n. 2321.

<sup>67</sup> Cfr. TOMÁS DE AQUINO. *Comment. in librum Job*, c. 2 (*Leonina*, p. 26).

<sup>68</sup> Cfr. TOMÁS DE AQUINO. *S.Th.* II-II, q. 102, a. 2.

<sup>69</sup> Cfr. TOMÁS DE AQUINO. *S.Th.* I-II, q. 102, a. 2 *ad 3*: “... *in communi vero habent etiam causam litteralem*”.

<sup>70</sup> Cfr. SMALLEY. *Op .cit.*, p. 306.

## A PROFUNDIDADE DO SENTIDO LITERAL.

No seu *Comentário sobre o Evangelho segundo João*, Santo Tomás escreve que as palavras de Cristo são tão profundas e ultrapassam tanto o intelecto humano que podemos compreendê-las somente na medida em que Deus revela o seu significado para nós<sup>71</sup>. Cada palavra do texto se origina da Palavra Eterna e, por isso, é cheia de sabedoria. Por causa das limitações da mente humana nem sempre os profetas compreendem tudo que o Espírito Santo estabelece nas suas visões, as suas próprias palavras e atos<sup>72</sup>. Como observa Santo Agostinho, mesmo João não nos diz o Que é o Verbo Divino, mas tão-somente falou sobre o Filho de Deus tão bem quanto pode<sup>73</sup>.

Às vezes é difícil determinar o sentido literal de uma passagem. Tomemos, por exemplo, *Mateus* 12,31. Qual é o sentido preciso da expressão “a blasfêmia contra o Espírito Santo não será perdoada”? Santo Tomás cita as explicações dos Padres anteriores a Agostinho, em seguida a solução de Agostinho e, finalmente, ele a formula de forma modificada. Nesse sentido, ele estabelece a seguinte regra: o que é dito na Bíblia de modo indefinido (nesse caso, pecados contra o Espírito Santo) nem sempre precisa ser entendido de tal modo indefinido. Na passagem em discussão, devem ser considerados como pecados cometidos com malícia. Para encontrar o sentido literal de um texto deve se levar em conta a intenção do autor, ou seja, a mensagem que ele queria comunicar<sup>74</sup>.

As exegeses científica e crítica podem ser um auxílio para encontrar uma compreensão melhor do sentido literal do texto. Elas também podem nos ajudar a evitar erros ao interpretá-lo. Entretanto, o verdadeiro significado da Bíblia somente pode ser conhecido à luz da fé<sup>75</sup>. O significado autêntico de um texto bíblico conduz à salvação sobrenatural e somente pode ser entendido por aqueles que pertencem à Igreja<sup>76</sup>. Pode-se ilustrar isso com a exegese que Tomás faz de *Provérbios* 8,24: “Quando os abismos não existiam, eu fui gerada”. Esse texto e *Eclesiástico* 24,3 ss. mostram efetivamente que o Verbo é gerado pelo Pai antes de todas as coisas criadas<sup>77</sup>. Mas esse sentido escapará ao leitor que recorrer apenas ao método histórico-crítico.

<sup>71</sup> Cfr. TOMÁS DE AQUINO. Cap. 13, l. 5, n. 1816.

<sup>72</sup> Cfr. TOMÁS DE AQUINO. *S.Th.* II-II, q. 173, a. 4.

<sup>73</sup> Cfr. AGOSTINHO. *In Ioan. evang.*, tr. 1, 2: PL 35, 1379. Cfr. TOMÁS DE AQUINO. *S. Th.* I, 1, 10.

<sup>74</sup> Cfr. TOMÁS DE AQUINO. *Quaestiones disputatae de malo*, 3, a. 14. *In Expos. in I Tim.*, c. 2, l. 1. O Aquinate fala de *intentio apostoli*.

<sup>75</sup> Cfr. TOMÁS DE AQUINO. *S.Th.* II-II, q. 1, a. 4 *ad* 3: “A luz da fé faz ver aquilo que se crê”.

<sup>76</sup> Cfr. GARDEIL, A. *Le donné révélé et la théologie*. Paris, 1910, p. 218.

<sup>77</sup> Cfr. TOMÁS DE AQUINO. *ScG*, IV, 4 e 12. Cfr. FIDALGO, J. A. “*Hermenéutica bíblica de santo Tomás de Aquino*”. In *Biblia y hermenéutica. VII Simposio internacional de teología*. Pamplona, 1986, pp. 477-486.

Nesse sentido, a questão que tem sido levantada é se, de acordo com o Aquinate, passagens da Sagrada Escritura podem ter mais de um sentido literal. Na *Summa Theologiae* I, q. 1, a. 10 e no *De Potentia* q. 4, a. 1 ele parece responder positivamente: “Uma vez que Deus compreende todas as coisas, não há inconveniente em que um determinado texto tenha mais de um sentido literal”. Para compreender o que Tomás quer dizer, deve-se considerar o contexto daquelas passagens em que é discutida a questão sobre se Deus primeiramente criou a matéria-prima e depois as substâncias particulares, como sustenta São Basílio, ou se no começo Deus fez somente as principais classes de seres das quais outras espécies se desenvolveram (Santo Agostinho). É óbvio que as duas opiniões são mutuamente excludentes e não podem ser verdadeiras ao mesmo tempo. Por isso, o texto do primeiro capítulo do Gênesis não pode afirmar ambos os sentidos ao mesmo tempo.

Aparentemente, Santo Tomás quer dizer que com relação a esse ponto em particular o sentido literal é indefinido e que diferentes explicações podem ser compatíveis com ele<sup>78</sup>. Estamos lidando aqui com detalhes cujo conhecimento não é necessário com vistas a compreender o núcleo da mensagem da salvação (i. é, que Deus criou o mundo). Deus nos deixou o determinar um tanto além certos textos para que todos possam encontrar a sua própria explicação no texto e assim se sentir mais perto da Sagrada Escritura. Obviamente isso se aplica somente a interpretações que não se opõem aos ensinamentos da Sagrada Escritura e pareçam razoáveis.

Além dessa interpretação de um ainda não completamente determinado sentido de certos textos bíblicos, Santo Tomás também fala do uso da Escritura pela Igreja, que entende os textos de um modo especial e assim torna explícito o que está implicitamente contido neles. De acordo com o Aquinate, esse entendimento da Escritura sob a guia do Espírito Santo nos leva à verdade completa.

#### O SENTIDO ESPIRITUAL OU MÍSTICO.

São Paulo formula o princípio da distinção entre o sentido literal e o sentido espiritual. O significado alegórico do Antigo Testamento é Cristo, pois o Antigo Testamento em sua totalidade é ordenado a Cristo. Seguindo os passos de Paulo, os Padres da Igreja e teólogos posteriores tentaram descobrir o sentido espiritual de todos os livros do Antigo Testamento. São Jerônimo escreve que “nós devemos compreendê-los de uma maneira espiritual”. – “Depois que a verdade dos eventos históricos (foi compreendida), tudo deve ser entendido espiritualmente”<sup>79</sup>. De acordo com Santo Agostinho nós

---

<sup>78</sup> Cfr. TOMÁS DE AQUINO. *De potentia* 4, 1: “Toda verdade que deixando intacto o que quer que pertença ao sentido literal (*salva litteræ circumstantia*) é compatível com ele, no seu significado”.

<sup>79</sup> Cfr. AGOSTINHO. *In Isaiam prophetam, prol.*: PL 24, 20b.

“vemos o Antigo Testamento revelado no Novo, enquanto que o Novo Testamento, por outro lado, está presente no Antigo coberto por um véu”<sup>80</sup>. A Sagrada Escritura, além disso, é “o Livro dos Mistérios”<sup>81</sup>. Agostinho até escreve que a compreensão espiritual da Bíblia é a liberdade cristã.

De acordo com São Gregório Magno, o que quer que esteja na Sagrada Escritura deve ser entendido alegoricamente e aplicado à nossa vida moral (o assim chamado sentido moral do texto)<sup>82</sup>. A Igreja sempre reconheceu isso em princípio, porém enquanto os exegetas da Escola de Alexandria (influenciada pelo Platonismo) mostraram uma forte tendência a uma exegese alegórica, os teólogos de Antioquia mantiveram mais frequentemente o sentido literal. No prefácio ao seu *Comentário sobre os Salmos*, Santo Tomás escreve que devemos evitar o erro de Teodoro de Mopsuéstia, condenado pelo Quinto Concílio Ecumênico. Esse autor afirmou que nada é explicitamente dito sobre Cristo no Antigo Testamento e nos Profetas, quando o contrário é que é verdadeiro<sup>83</sup>. Mas essa referência a Cristo não é sempre aparente à primeira vista. Comentando as palavras de Jesus “*Scrutamini Scripturas*”, o Aquinate escreve que a fé em Cristo estava contida no Antigo Testamento, mas não era claramente visível na superfície dele, escondida como estava sob as sombras das imagens<sup>84</sup>.

Todos os teólogos medievais aceitaram o princípio de que o Antigo Testamento tem um sentido espiritual, Como C. H. Dodd escreve, “para um cristão a plenitude da revelação inclui também a revelação das intenções de Deus para ele”<sup>85</sup>. Os teólogos medievais estavam convencidos de que o sentido literal da Bíblia não é a única razão pela qual ela foi dada a nós<sup>86</sup>. Nesse sentido, eles agiram de acordo com o convite de Agostinho: “Ouvimos os fatos, procuremos agora pelo mistério”<sup>87</sup>. Nesse ponto há uma considerável diferença em relação à exegese moderna que tende a aceitar o sentido espiritual apenas em casos excepcionais.

Cedo na história da Igreja o sentido espiritual foi subdividido. Como Santo Tomás fez com relação a muitas outras questões, ele fez uma pesquisa

---

<sup>80</sup> Cfr. AGOSTINHO. *Enarr. in Ps. 105*, n. 36.

<sup>81</sup> Cfr. GREGÓRIO MAGNO. *Contra Julianum* 6, 7, n. 20.

<sup>82</sup> Cfr. GREGÓRIO MAGNO. *In Ezech.* 2, 2, 15.

<sup>83</sup> Cfr. TOMÁS DE AQUINO. *In Psalmos, Prol.* : “*Sic sunt exponenda de rebus gestis ut figurantibus aliquid de Christo et Ecclesia*”; Cfr. TOMÁS DE AQUINO. *S. Th.* I-II, q. 102, a. 2: “*Verba prophetarum sic respiciebant praesens tempus quod etiam in figuram futuri dicebantur*”.

<sup>84</sup> Cfr. TOMÁS DE AQUINO. *In Evang. Ioan.*, c. 5, lectio 6, n. 10: “*Fides Christi in Veteri Testamento continebatur sed non in superficie, quia in profundo obumbrata figura latebat*”. Tomás se refere a 2 Cor 3, 15 (“*usque in hodiernum diem velamen positum est super cor eorum*”). Cfr. também TOMÁS DE AQUINO. *S. Th.* I-II, q. 104, a. 2; q. 102, a. 6 ad 1.

<sup>85</sup> Cfr. DODD, C. H. *The Bible Today*, p.161.

<sup>86</sup> Cfr. LUBAC, H. DE. *Exégèse médiévale*, I, p. 484.

<sup>87</sup> Cfr. TOMÁS DE AQUINO. *In Ioan. Evang.*, tr. 50, n. 6: “*Factum audivimus, mysterium requiramus*”.

sistemática das subdivisões do sentido espiritual do Texto Sagrado. A sua explicação tornou-se a teoria geralmente aceita: o sentido alegórico é o significado que se refere a Cristo e aos mistérios centrais da fé. O sentido moral é o significado que um texto tem para a nossa vida moral. Com relação a esse sentido moral deve-se ter em mente que, como Tomás observa, nos textos bíblicos que como tais contêm preceitos ou admoestações concernentes à vida moral, esses preceitos e exortações consistem no sentido literal dessas passagens. Finalmente, há textos que descrevem algo que é uma prefiguração da vida eterna. Neste caso, estamos lidando com o sentido analógico<sup>88</sup>.

Sendo o Criador do mundo, Deus pode dispor as coisas e os eventos históricos de modo que eles se refiram às realidades da fé e à ordem da graça. Isso significa que a história do mundo e de Israel, assim como descritas no Antigo Testamento, agora aparecem sob uma nova luz. Elas se referem a Cristo, contêm indicações para a nossa vida cristã e descrevem uma prefiguração da beatitude celestial. Nesse sentido, Santo Tomás escreve que compreendemos melhor a conexão maravilhosa de todas as coisas na sabedoria do plano divino e inclinamos nossas cabeças com reverência ante as Escrituras, cujos tesouros ultrapassam o nosso entendimento<sup>89</sup>.

#### OS COMENTÁRIOS BÍBLICOS DE SANTO TOMÁS.

Como vimos, no tempo do Aquinate, praticar Teologia significava estudar a Bíblia<sup>90</sup>. A Sagrada Escritura é a fonte de cada questão teológica e é o ponto de referência para a explicação que se dá. Considerando-se apenas uma obra do Aquinate, a *Summa Theologiae*, há mais de 25.000 citações da Bíblia<sup>91</sup>. Em Paris, exigia-se que os estudantes assistissem a cada manhã um curso de leitura bíblica ensinada por um bacharel e, depois, a uma lição dada por um mestre. Em 1257, como Mestre de Teologia, Santo Tomás começou a lecionar o *Evangelho segundo Mateus* e muito provavelmente no ano seguinte um dos livros do Antigo Testamento (talvez *Isaias*)<sup>92</sup>. Para essas aulas, ele usava os comentários de Crisóstomo, Jerônimo e Agostinho. O *Comentário sobre o Evangelho segundo Mateus* é uma assim chamada *reportatio*, uma conferência composta por um assistente ou estudante.

---

<sup>88</sup> Isso é explicado em detalhes em: Tomás de Aquino. *Quodl.* VII, q. 6, aa. 1, 2 e 3 e nos últimos artigos da primeira questão da *I pars* da *Summa theologiae*.

<sup>89</sup> Cfr. TOMÁS DE AQUINO. *Q. d. de potentia*, q. 4, a. 1.

<sup>90</sup> Cfr. TOMÁS DE AQUINO. *Quodl.* VII, a. 2: há quatro tipos de obras espirituais, ou seja, aquela de um juiz, a de pregar, a de recitar o ofício divino e o estudo da Bíblia. Com relação ao uso da Bíblia no ensino da Teologia, cfr. DENIFLE, H. “*Quel livre servait de base à l'enseignement des maîtres en théologie à l'Université de Paris?*”. In *Revue thomiste* 2 (1894), pp. 129-161.

<sup>91</sup> Cfr. VALKENBERG, W. *Op. cit.*, pp. 193 ss.

<sup>92</sup> O *Comentário sobre Isaías* pode mesmo datar de seus anos em Colônia.

Na Itália, Santo Tomás escreveu o seu *Comentário ao Livro de Jó* e a *Catena aurea* (que não foi usada para ensinar). Ele talvez tenha começado seus comentários sobre as *Cartas de São Paulo* para continuá-los em Paris, onde ele também compôs os seus *Comentários ao Evangelho segundo São João* (o capítulo 5 em diante é uma *reportatio* revisada pelo próprio Tomás). Finalmente, em Nápoles ele comentou os primeiros cinquenta e quatro *salmos*. A cronologia das obras exegéticas do Aquinate é um tanto incerta<sup>93</sup>. A pesquisa requerida para a edição leonina desses textos muito provavelmente tornará possível uma datação mais precisa dos comentários.

Entre os comentários bíblicos de Santo Tomás, a *Catena aurea* é um ponto de inflexão. Nessa obra, que empreendera a pedido do Papa Urbano IV, ele junta em pequenas citações ou sumários as explicações que os Padres deram do texto dos quatro Evangelhos. A obra se distingue por sua clareza e ordem significativa de seus conteúdos. Ela colhe as mais valiosas passagens. Mesmo quando elas foram cortadas, o seu vocabulário e estilo foram deixados intactos tanto quanto possível. Tomás cita cinquenta e sete Padres gregos e vinte e dois latinos. A sua intenção era determinar o sentido literal do texto, explicar o seu sentido espiritual, refutar erros e confirmar a verdade da fé católica. Tudo isso é necessário, ele escreve, porque é dos Evangelhos que recebemos a norma da fé católica e a regra de nossa vida cristã<sup>94</sup>.

Um dos mais refinados escritos de Tomás é o seu comentário sobre o *Livro de Jó*, composto na Itália (provavelmente em Orvieto) entre 1262 e 1264. Em um mostra impressionante de intuição e conhecimento ele analisa os vários temas que dizem respeito ao significado do sofrimento, culpa e providência divina e fornece explicações do frequentemente difícil e poético texto. Uma vez que Gregório Magno escrevera de modo amplo sobre o sentido espiritual do *Livro de Jó*, Tomás se limitou à explicação do sentido literal de cada passagem e sentença, uma difícil empresa, para a qual ele não pode contar com a obra de seus predecessores. O comentário é repleto de discussões sobre o sofrimento, culpa e providência, mas é agradável de ler. Uma conclusão principal é que, com vistas a dar uma explicação última ou justificação do sofrimento, devemos reconhecer que para o homem há uma vida após esta<sup>95</sup>. Ainda chamamos atenção para distinção entre os três graus sobre os quais Jó pode estar falando<sup>96</sup>. É notável que Tomás compreenda as passagens sobre a voz de Deus intervindo no debate como palavras proferidas pelo próprio Jó, inspirado ou guiado por Deus.

Com relação a outros escritos exegéticos de Tomás, os seus *Comentários sobre o Evangelho segundo João* e sobre as *Cartas de Paulo* foram chamados “o fruto

---

<sup>93</sup> Cfr. Glorieux, P. “*Essai sur les Commentaires scripturaires de saint Thomas et leur chronologie*”. In *Recherches de théologie ancienne et médiévale*, 16 (1949), pp. 237-266.

<sup>94</sup> Cfr. TOMÁS DE AQUINO. *Catena aurea*, I, n.468.

<sup>95</sup> Cfr. TOMÁS DE AQUINO. *In Job*, c. 2, p. 18, 215.

<sup>96</sup> *Ibid.*, c. 10, p. 68, 10; c. 39. 212, 370-379.

mais amadurecido e o mais perfeito exemplo da exegese escolástica medieval”<sup>97</sup>. O comentário sobre os cinco primeiros capítulos do Evangelho, escrito pelo próprio Tomás, é chamado uma *ordinatio* ou *expositio*; a parte restante, composta por um assistente durante as aulas, é chamada uma *reportatio* ou *lectura*. Nesse comentário, a doutrina da Trindade, o mistério da vida intradivina, o amor de Deus pelo homem e o amor de Cristo por Seus discípulos são postos no centro pelo Aquinate.

Não se deve procurar por detalhes históricos ou filológicos nesse comentário. É uma exposição teológica que expõe os conteúdos doutrinários do Evangelho explicando-os com o auxílio da Tradição da Igreja. O comentário tem 373 citações de Agostinho, 217 de Crisóstomo e 95 de Orígenes<sup>98</sup>. Tomás indica o sentido literal e espiritual de várias passagens e refuta as visões heréticas de Apolinário, Ario, Pelágio, dos maniqueus, Nestório e outros. O comentário procura fazer seus leitores meditarem sobre a grandeza e o amor de Deus. “Nosso conhecimento do Verbo Divino será perfeito quando chegarmos à Casa do Pai para sermos abraçados pelo amor do Pai por Seu Filho” (nn. 218-220).

Santo Tomás divide o Evangelho segundo João em duas partes, que grosseiramente falando coincidem com a divisão proposta por autores modernos, qual seja, o Livro dos Sinais (capítulos 01 a 12) e o Livro da Glória (capítulo 13 a 20). O Capítulo 21 é considerado um apêndice. Uma vez que ele possui um conhecimento extraordinário de toda a Bíblia e dos escritos dos Padres, tendo ao mesmo tempo um arsenal de intuições teológicas profundas a sua disposição, o seu comentário se tornou muito valioso. Deve-se acrescentar que Tomás era um santo, cujo alimento espiritual consistia em meditar sobre a Bíblia. Ele sabia que o amor de Jesus por Seus discípulos, sublinhado por João, se estendia a sua própria pessoa. Em seu comentário sobre *João* 6,56 (“Quem come a Minha carne e bebe o Meu sangue permanece em Mim, e Eu nele”), ele escreve: se nós recebemos o Corpo de Cristo com uma piedade fingida, sem o desejo de estar unido a Ele e a resolução de retirar os obstáculos, não permanecemos em Cristo e nem Ele em nós (n. 976). Jesus diz que Ele é o caminho, a verdade e a vida (*João* 14,6): “Queres saber que via seguir? Aceita a Cristo... Estás procurando aonde ir e onde ficar? Espera em Cristo, porque Ele é a Vida. Espera em Cristo se queres estar seguro” (n. 1870).

Como M.-D. Philippe observa, Tomás revela o significado profundo do testemunho de João Batista nas passagens sobre os discursos sobre a Eucaristia e de despedida. Os segredos de Deus são revelados acima de tudo àqueles que se unem em amor com Cristo. Tomás vê uma estreita relação entre a Paixão de Jesus e a Sua Ressurreição. No seu comentário, ele usa o

<sup>97</sup> Cfr. SPICQ, C. *DTC*, XV, 1, p. 695.

<sup>98</sup> Segundo WEISHEIPL, J. “*The Johannine Commentary of Friar Thomas*”. In *Church History*, 45 (1976), pp. 185-195.

conceito de “glória” como um princípio para explicar o sentido de “a glória que o Pai dá a Cristo” e “a glorificação do Pai pelo Filho”. Ele também confere um lugar central ao Espírito Santo: O Filho nos ensina a verdade e o Espírito Santo nos faz aceitá-la. Ele nos faz conhecer todas as coisas, nos conduz e dirige nossos desejos em direção a coisas espirituais (n. 1959).

Apesar de o Comentário enfatizar a explicação teológica do Evangelho e o seu significado para a nossa vida espiritual, Tomás observa que o Evangelho foi escrito por uma testemunha ocular e possui grande precisão histórica<sup>99</sup>. Depois de explicar o sentido literal do texto, Tomás examina o seu sentido espiritual. De acordo com João, as palavras e atos de Cristo também têm um sentido espiritual e se referem a uma realidade mais profunda que é a vida do próprio Deus, a graça, os sacramentos e a vida espiritual dos cristãos. Para ver quão bem Tomás desenvolve esse sentido espiritual deve-se ler o comentário sobre a passagem das Bodas de Caná ou das aparições do Senhor ressuscitado. Às margens do Mar de Tiberíades, Jesus assava alguns peixes sobre brasas; o sentido espiritual dessa passagem é que no Seu sofrimento na Cruz, Jesus foi consumido pelo fogo do amor. Nas suas explicações, Tomás alcançou os graus mais profundos daquela compreensão mística do texto de que trata São João da Cruz<sup>100</sup>.

Devemos finalmente mencionar os *Comentários sobre as Cartas de Paulo*. No seu *Saint Paul. Epître aux Romains*, M.-J. Lagrange escreve: “É supérfluo louvar a profundidade intelectual e a acuidade teológica deste comentário. Ninguém viu melhor a conexão entre os vários temas e os seus agrupamentos do que Tomás. Mas nem sempre se atentou para a impressionante amplitude de visão que deixa os exegetas muito livres. Tomás frequentemente menciona visões sem se pronunciar”<sup>101</sup>.

Para tornar isso claro desejamos chamar a atenção para alguns dos pensamentos centrais do *Comentário sobre a Epístola aos Romanos*. O tema de Paulo é dominado pela oposição entre “letra” e “espírito” (*Romano* 2,29 ss.). Um grande número de exegetas modernos entende “espírito” como o espírito dos cristãos, mas Tomás viu que Paulo se refere ao contraste entre a vida de acordo com a Lei e aquela de acordo com o Espírito Santo. Isso é, ainda mais, a oposição entre a lei exterior, impressa na pedra, e a lei interior escrita nos corações dos fiéis, ou seja, a presença do Espírito Santo. “Santo Tomás vê um

---

<sup>99</sup> Cfr. CIPRIANI, S. “*Riflessioni esegetiche su Super S. Ioannis Evangelium lectura di san Tommaso*”. In *San Tommaso nel suo settimo centenario. Atti del congresso*, IV, Roma-Nápoles, 1974, pp. 41-59.

<sup>100</sup> Cfr. PHILIPPE, M.-D. *Saint Thomas d'Aquin. Commentaire sur l'Évangile de saint Jean*. Prefácio. Nice: 1978, p. 42.

<sup>101</sup> *O.c.* Paris, 1916, p. XI.

contraste semelhante em outras passagens da *Carta* em que há uma questão sobre a oposição entre letra e espírito”<sup>102</sup>.

Inspirado por São Paulo, Tomás elaborou a sua esplêndida doutrina da Nova Lei como graça do Espírito Santo (n. 602). O Espírito Santo nos dá a fé que é ativada através do amor. Nesse sentido, Tomás pode incorporar as profecias de *Jeremias* 31,33 e *Ezequiel* 36,26 ss. em sua explicação. Ambos os profetas predizem que Deus colocará a Sua Lei no coração do homem. Nesse sentido, a explicação de Tomás sobre a sentença “onde se acha o Espírito do Senhor aí está a liberdade” (*2 Coríntios* 3,17) merece ser mencionada. Como S. Lyonnet escreve, é a melhor descrição da liberdade cristã que se pode dar. O Espírito Santo é a força dinâmica da vida cristã. Ele, que evita o mal porque é mal, é livre. Ora, é precisamente isso que o Espírito Santo traz ao eleito. Finalmente, Tomás concede grande importância ao poder soteriológico da Ressurreição de Cristo. Nas suas explicações ele pode se basear em Paulo.

Devemos nos restringir a esses exemplos, mas confiar que eles dão ao menos alguma ideia do valor dos comentários bíblicos de Tomás. Oxalá nossas reflexões sejam de alguma ajuda para ir além da exegese histórico-crítica, descobrindo as riquezas da Palavra de Deus.

---

<sup>102</sup> Cfr. LYONNET, S. “L’actualité de saint Thomas exégète”. In *San Tommaso nel suo settimo centenario. Atti del congresso*, IV, pp. 09-28.